



Encontro Nacional dos
Estudantes de Arquivologia
De 11 a 15 de Julho de 2016



MEMÓRIA INSTITUCIONAL DA UFPB: o reitorado de José Américo de Almeida

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira¹

Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano²

Ellen Pereira da Silva³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o reitorado de José Américo de Almeida, desenvolvido no período de 1956 a 1957. Nesse percurso, buscamos (re)significar alguns elementos da história da Universidade Federal da Paraíba, rememorando algumas experiências do passado e dialogando com a memória a partir dos diversos cruzamentos com o tempo, o espaço e o movimento, visto que compreendemos a memória como uma construção social que deixa rastros ao longo do tempo, e que esses indícios possuem informações que nos ajudam a entender a representação de uma determinada realidade. Assim, para a ressignificação dessas informações, tendo como foco o reitorado em questão, utilizamos como fonte as atas do Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba (CONSUNI), órgão de função normativa, deliberativa e de planejamento da instituição, nos planos acadêmico, administrativo, financeiro, patrimonial e disciplinar. Ressaltamos, nesse processo, a riqueza dessa documentação, tomada como fonte de informação para a escrita da história, corroborando-se como artefato de memória. Nessa discussão, dialogamos com Aleida Assmann (2011) que, ao analisar a memória a partir de espaços de recordação, faz uma articulação entre suas funções, seus meios e armazenadores, apresentando ao leitor os diferentes caminhos que levam à memória. Logo, tais caminhos se mostraram relevantes para compreendermos esse período da memória institucional da Universidade Federal da Paraíba. Mesmo com um recorte pequeno, o reitor em questão trouxe discussões importantes para a

¹ Doutora em Letras pela UFPB. Mestre em Ciência da Informação e professora do Programa de Pósgraduação em Ciência da Informação/UFPB. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP).

² Doutora em Educação. Desenvolve Estágio Pós-doutoral pelo PNPd/PPGCI/UFPB. Pesquisadora do GECIMP.

³ Graduanda em Arquivologia pela UFPB. Membro do GECIMP.



instituição, como a admissão de professores, o funcionamento dos cursos, a elaboração de regimentos, a aquisição do terreno onde hoje funciona a UFPB, dentre outras questões.

Palavras-chave: Memória institucional. UFPB. José Américo de Almeida.

UFPB Institutional Memory: José Américo de Almeida's chancellorship

ABSTRACT

This paper aims to discuss José Américo de Almeida's chancellorship, which was carried out from 1956 to 1957. In this way, we seek to (re)define some elements of the Federal University of Paraíba history, reminiscing about some past experiences and dialoguing with memory from various intersections with time, space and movement, as we understand memory as a social construction that leaves traces over time, and that these indications have information to help us comprehend the representation of a given reality. So for resignifying these pieces of information, focusing on the mentioned chancellorship, we used as source the minutes of the University Council of the Federal University of Paraíba (CONSUNI), the institution's standard, deliberative and planning setting body in academic, administrative, financial, patrimonial and disciplinary plans. We emphasize, in this process, the richness of this documentation, taken as a source of information for the history writing, being thus corroborated as memory artifact. In this discussion, we dialogue with Aleida Assmann (2011) that, when analyzing memory from memory spaces, makes a link among their functions, their means and storages, showing the reader the different paths that lead to memory. Consequently, those paths were of noteworthy importance for our understanding of this institutional's memory period of the Federal University of Paraíba. Even with the analysis of a short period, the mentioned chancellor brought important discussions to the institution, such as the admission of professors, the operation of courses, the development of rules, and the purchase of the land where UFPB is located today, among other issues.

Keywords: Institutional Memory. UFPB. José Américo de Almeida.

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi criada pela Lei Estadual nº 1.366, de 02 de dezembro de 1955, e instalada sob o nome de Universidade da Paraíba como resultado da junção de algumas escolas superiores. O ambiente favorável para tal realização surgiu a partir de um contexto marcado pela crescente influência política do então governador da Paraíba, José Américo de Almeida, pela procura de cursos, pelo aumento do número de alunos, pelas condições precárias de funcionamento de algumas dessas escolas e pela necessidade de uma instituição “ligada à reestruturação do Estado e à formação de quadros técnicos e administrativos” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 169).

Contudo, toda essa história remonta ao ano de 1934, com a criação da Escola de Agronomia do Nordeste, instalada na cidade de Areia, através do Decreto Federal nº 478, de 12 de janeiro, e

que abriu perspectivas de criação de outras escolas de ensino superior. Em 1947, em João Pessoa, foi fundada a Faculdade de Ciências Econômicas; dois anos depois, em 1949, a Faculdade de Filosofia (FAFI). Em 1951, vieram a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Odontologia da Paraíba e a fundação da Escola de Serviço Social. No ano de 1952, foi criada a Escola Superior de Engenharia da Paraíba; no ano seguinte, a Escola de Enfermagem, dentre outras.

Posteriormente, com a sua federalização, aprovada e promulgada pela Lei nº. 3.835 de 13 de dezembro de 1960, na “expectativa de desafogo dos cofres estaduais, melhoria dos quadros universitários e ampliação de maiores possibilidades de acesso, sobretudo às classes médias, em virtude de uma aguardada gratuidade do ensino” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 171), foi transformada em Universidade Federal da Paraíba, incorporando as estruturas universitárias existentes nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Areia e Bananeiras, também ampliando suas fronteiras em Patos, Souza e Cajazeiras. Ao longo desse tempo, a Universidade Federal da Paraíba foi organizando as suas memórias e entendemos, como Icléia Thiesen (2013, p. 165), que “uma instituição é, pois, obra coletiva, criação social, cultural, acontecimento”. E, como as instituições são construídas historicamente, carregam consigo uma bagagem de informações que representam suas memórias.

A Universidade da Paraíba, criada em 1955, passou a congregiar as instituições existentes e, atualmente, a Universidade Federal da Paraíba, uma instituição autárquica de regime especial de ensino, pesquisa e extensão, vinculada ao Ministério da Educação, possui diversos campi, atuando em diferentes cidades da Paraíba, fortalecendo a interiorização de suas ações. Ao longo desse tempo, esse complexo educacional, científico e tecnológico tem contribuído para a formação da sociedade brasileira a partir do conhecimento partilhado, bem como para a preservação da memória da educação e da ciência do nosso país.

Assim, nosso trabalho tem como objetivo discutir o reitorado de José Américo de Almeida, desenvolvido no período de 1956 a 1957. Nesse percurso, buscamos (re)significar alguns elementos da história da Universidade Federal da Paraíba, rememorando algumas experiências do passado e dialogando com a memória a partir dos diversos cruzamentos com o tempo, o espaço e o movimento, visto que compreendemos a memória como uma construção social que deixa rastros ao longo do tempo, e que esses indícios possuem informações que nos ajudam a entender a representação de uma determinada realidade.

Para a ressignificação dessas informações, tendo como foco o reitorado em questão, utilizamos como fonte as atas do Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba (CONSUNI), órgão de função normativa, deliberativa e de planejamento da instituição, nos planos acadêmico, administrativo, financeiro, patrimonial e disciplinar. Ressaltamos, nesse processo, a riqueza dessa documentação, tomada como fonte de informação para a escrita da história, corroborando-se como artefato de memória. Nessa discussão, dialogamos com Aleida Assmann (2011) que, ao analisar a memória a partir de espaços de recordação, faz uma articulação entre suas funções, seus meios e armazenadores, apresentando ao leitor os diferentes caminhos que levam à

memória. Logo, tais caminhos se mostraram relevantes para compreendermos esse período da memória institucional da Universidade Federal da Paraíba.

2 UM POUCO SOBRE A VIDA DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

José Américo de Almeida, filho de Ignácio Augusto de Almeida e Josepha Leopoldina Leal de Almeida, nasceu no engenho Olho d'Água, na cidade de Areia (PB), no dia 10 de janeiro de 1887, falecendo em 10 de março de 1980. Aos 9 anos de idade, ficou órfão de pai e foi entregue aos cuidados de seu tio, o padre Odilon Benvindo. Realizou seus estudos no Seminário da Capital do Estado e no Liceu Paraibano. Em 1903, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, concluindo o curso em 1908. Exercendo a magistratura, foi promotor das comarcas de Sousa (PB) e do Recife (PE). Sua vida girou em torno da literatura, da política, da advocacia, dentre outras funções.

Foi membro da Academia Brasileira de Letras e os seus escritos literários o tornaram conhecido nacionalmente. Em 1921, escreveu *Reflexões de um Cabra*. Em seguida, *A Paraíba e Seus Problemas* (1923), obra encomendada pela Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, a qual contém um rico conteúdo social; *A Bagaceira* (1928) foi um grande marco para sua literatura, pois o tornou conhecido e deu início à Geração Regionalista no Nordeste. A obra retrata a vida do sertanejo diante das dificuldades enfrentadas na seca. Foi, pois, uma das grandes revelações para a literatura brasileira, um romance que alçou a criatividade literária do autor para diferentes espaços. O livro *Boqueirão* (1935) aborda a ideia de construção de açudes para amenizar a seca; e os *Coiteiros*, que retrata o papel do cangaço nos confins do Nordeste. José Américo gostava de relatar, em algumas de suas obras, que o subdesenvolvimento do Nordeste não se devia apenas à seca ou a outros fatos, mas sim à falta de assistência política, pois desde sua colonização, o Nordeste foi marcado por certo descaso e abandono. E como era envolvido na política, também publicou uma obra abordando a vida política no governo de Getúlio Vargas, *Ocasos de Sangue* (1954).

José Américo foi bastante atuante na política, como já foi mencionado. Ele foi um grande articulador da Aliança Liberal e principal conspirador para a eclosão da chamada “Revolução de 30”, sendo chefe da mesma nas regiões Norte e Nordeste, como também proclamado Interventor do Estado e Chefe do Governo Central do Norte até a posse de Vargas.

Ocupou cargos de destaque como Secretário do Interior e Justiça durante o governo João Pessoa, na Paraíba, onde enfrentou conflitos políticos na região de Princesa. Dos anos de 1930 a 1934, assumiu o Ministério da Viação e Obras Públicas. Em 1932, sofreu um acidente aéreo ficando gravemente ferido. No ano de 1934, Vargas o nomeia Embaixador do Brasil junto à Santa Sé. No ano seguinte, foi eleito Senador e, posteriormente, Ministro do Tribunal de Contas da União (TCU). Pretendia ser candidato à Presidência da República, porém não foi possível devido ao golpe de Estado de 10 de novembro, vindo a ser implantado o Estado Novo. Nas eleições de outubro de 1945, foi eleito Senador pela Paraíba. Passados anos, reatou a aliança com Getúlio Vargas, a qual

foi rompida devido à frustração de sua candidatura à presidência, voltando a ser Ministro da Viação e Obras Públicas até o suicídio do presidente, em agosto de 1954. Com a morte de Vargas, José Américo abandona a vida política e dedica-se a escrever suas memórias.

Contamos com todo o seu acervo disponível, a partir da criação da Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa, um espaço institucional que está a serviço da sociedade. O objetivo é manter e preservar a memória de José Américo de Almeida, visto que é um espaço de transmissão de conhecimento, e, acima de tudo, um espaço da memória política e literária da Paraíba e do Brasil.

3 O REITORADO DE JOSÉ AMÉRICO: A MEMÓRIA DA UFPB EM CENA

José Américo de Almeida foi o segundo reitor da então Universidade da Paraíba, estando à frente do cargo de dezembro de 1956 a abril de 1957. Em caráter solene, o Conselho Universitário, reunido no auditório do Colégio Estadual, transmitiu o cargo de reitor ao Ministro. A nomeação foi reconhecida em ato do governo do Estado, Flávio Ribeiro Coutinho, com a presença de autoridades federais, estaduais, municipais, eclesiásticas, dentre outros convidados (CONSUNI, 1956).

Almeida sucedeu o reitorado de Durmenal Bartolomeu Trigueiro Mendes (1927/1987), natural de Cuiabá (MT), bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, professor Titular de Sociologia da Educação, na Faculdade de Filosofia da Paraíba, e primeiro reitor da instituição, ocupando o cargo de dezembro de 1955 a novembro de 1956.

As atas do Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba, por nós utilizadas, entendidas como uma *reserva de informação, de memória e de história* (CATROGA, 2015), são objetos relevantes para compreendermos a memória institucional, pois as informações que essa instituição carregou e carrega ao longo da sua trajetória deixaram traços que marcam a sua condição de possibilidade. Esses traços, rastros ou marcas contêm informações que nos permitem trazer à tona várias possibilidades de construção. Partindo desse entendimento, um contexto multifacetado nos mostra um leque de possibilidades de compreensão de um processo histórico.

Tomando a informação como artefato, Pacheco considera que:

Se a informação é um artefato, ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretado o contexto de sua geração. Sendo artefato, ela pode ser utilizada em um contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto, passível de recontextualização (PACHECO, 1995, p. 21).

Logo, como um artefato de informação e memória, possui “[...] contextualidade e é possível ser atualizado historicamente”, visto que a memória “constitui-se de um saber, formando tradições,

caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais” (DIEHL, 2002, p. 116). E na reconstrução do passado pela História, novos significados são desenhados pelo que ficou guardado nessas memórias.

Aleida Assmann, no livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), nos convida a fazer um passeio pelos meandros da memória, tendo como fio condutor a argumentação de que não existe uma essência da memória. Essa possui um caráter dinâmico, sendo um fenômeno complexo e transdisciplinar, o que é demonstrado pela sua plasticidade.

Nessa trajetória, conseguimos dialogar um pouco com o reitorado em questão. Na 4ª sessão do Conselho Universitário, datada de 17 de dezembro de 1956, uma proposta de elaboração dos Regimentos da Reitoria, do Conselho e da Assembleia Universitária foi apresentada, o que nos mostra os primeiros passos da instituição no reitorado em questão, que carecia de tais regulamentações para o seu pleno funcionamento.

Outras discussões fizeram parte do cotidiano das reuniões do referido Conselho, tais como: o funcionamento de cursos de extensão universitária; a criação de novos cursos; a nomeação, substituição, transferência e exoneração de professores; entre outras questões. Na sessão de 3 de janeiro de 1957, por exemplo, o conselheiro Emanuel de Miranda Henriques propôs a separação do curso de Geografia e História e o reconhecimento dos cursos de Filosofia e Didática (CONSUNI, 1957).

Uma temática recorrente durante o reitorado de José Américo de Almeida, presente em várias atas do Conselho Universitário, versa sobre a necessidade de criação da Cidade Universitária, tendo sido designada pelo reitor uma comissão para estudar tal empreendimento. A comissão era formada pelos seguintes membros: Agripino Gouveia de Barros, Mário Moacir Porto, Hermano Augusto de Almeida e Péricles de Figueiredo Gouveia. José Américo também solicitou aos citados professores, um bom entendimento com o governador da Paraíba, para resolver questões referentes ao terreno onde seria erguida a nova sede da instituição. O conselheiro, general José de Oliveira Leite, comunicou que o engenheiro Horta Barbosa considerou o terreno da Fazenda São Rafael como local indicado para a construção da Cidade Universitária. Local esse onde atualmente funciona a Universidade Federal da Paraíba.

Na 7ª sessão do Conselho, aos sete de fevereiro de 1957, o conselheiro Antônio da Silva Moraes comunicou que a Escola Politécnica já estava instalada no prédio destinado pelo governo do Estado para o seu funcionamento.

O reitorado de José Américo, oficialmente, ocorreu de dezembro de 1956 a abril de 1957. Contudo, a partir de fevereiro de 1957, isto é, pouco mais de dois meses à frente do cargo, as atas indicam que o vice-reitor, professor João Toscano Gonçalves de Medeiros, passou a comandar os trabalhos do Conselho. Inclusive, na 9ª sessão do Conselho Universitário, em 7 de março de 1957, começou a ser discutida a eleição para reitoria, visto que, segundo a ata, “o cargo vagou com a exoneração a pedido do seu titular, Ministro José Américo de Almeida, desde o dia 1º do corrente

mês” (CONSUNI, 1957). Não conseguimos encontrar os motivos do pedido de exoneração feito por José Américo. Aliás, nos livros sobre José Américo pesquisados, não encontramos sequer a menção sobre esse curto período como reitor da Universidade da Paraíba.

Quadro 1 – Relação dos Reitores da Universidade Federal da Paraíba

REITOR (A)		PERÍODO
1	Durmeval Bartolomeu Trigueiro Mendes	1955-1956
2	José Américo de Almeida	1956-1957
3	João Toscano Gonçalves de Medeiros	1957-1960
4	Mário Moacyr Porto	1960-1964
5	Guilardo Martins Alves	1964-1971
6	Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega	1971-1975
7	Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque	1976-1980
8	Milton Ferreira de Paiva	1980
9	Berilo Ramos Borba	1980-1984
10	José Jackson Carneiro de Carvalho	1984-1988
11	Antônio de Souza Sobrinho	1988-1992
12	Neroaldo Pontes de Azevedo	1992-1996
13	Jader Nunes de Oliveira	1996-2004
14	Rômulo Soares Polaris	2004-2012
15	Margareth de Fátima Formiga Melo	2012-atual

Fonte: www.ufpb.br Acesso em: 01 de maio de 2016.

Assim, a eleição para a composição da lista tríplice começou. A votação para o primeiro nome apresentou o seguinte resultado: Professor João Toscano Gonçalves de Medeiros – 11 votos; Professor Clóvis dos Santos Lima – 1 voto. Para o segundo nome, temos como resultado: Professor Severino Montenegro – 7 votos; Professor Clóvis dos Santos Lima – 5 votos; e professor Mário Moacyr Porto – 1 voto. E, finalmente, a eleição para o terceiro nome: Professor Clóvis dos Santos Lima – 6 votos; Professor Antônio da Silva Morais – 5 votos; Professor Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega – 1 voto; Professor Péricles de Figueiredo Gouveia – 1 voto; e Professor Emanuel de Miranda Henriques – 1 voto.



A lista tríplice que foi apresentada ao governador do Estado, nos termos do Estatuto da Universidade, ficou composta pelos seguintes nomes: 1º - João Toscano Gonçalves de Medeiros; 2º - Severino Montenegro; e 3º - Clóvis dos Santos Lima. Com a saída de José Américo da reitoria, foi eleito pelo Conselho Universitário e nomeado pelo governador da Paraíba o médico João Toscano Gonçalves de Medeiros (1902-1974), natural de João Pessoa, professor e fundador da Faculdade de Medicina, também professor da Escola de Enfermagem da Paraíba e diretor do Instituto de Puericultura da Universidade da Paraíba, ocupando o cargo de abril de 1957 a abril de 1960, como terceiro reitor da instituição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse curto intervalo de tempo, José Américo de Almeida, um dos arquitetos da criação da Universidade da Paraíba, ocupou o cargo de reitor da instituição. Sua maior atuação foi anterior ao seu reitorado, para a criação da então Universidade da Paraíba, ocupando a função de governador do Estado. Como reitor, em poucos meses, o assunto de maior destaque que circulou nas atas do Conselho Universitário foi a aquisição de um terreno, na Fazenda São Rafael, para a edificação da Cidade Universitária. De dezembro de 1956 a fevereiro de 1957, quando pediu exoneração, outras temáticas foram veiculadas, assuntos cotidianos a serem discutidos, como a criação de cursos, entrega de certificados, convites para cerimônias, aprovação de voto de louvor, substituição ou contratação de professores, entre outros.

A partir das atas do Conselho Universitário, conseguimos mobilizar um pouco da memória institucional, visto que carregam consigo sentidos e valores da sociedade que as produziu. Foram poucas as ações do reitorado de José Américo de Almeida, mas essas possibilitam descortinar parte da história da universidade, proporcionando a compreensão do seu processo de institucionalização.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. São Paulo: Unicamp, 2011.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 12, n.

2, p. 1-13, 2002. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/143/137>>. Acesso em: 24 mar. 2013.



_____. Informações e Memória: as relações na Pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. Universidade e arquivos: perfil, história e convergência. **Trans-informação**, v. 1, n. 3, set./dez., 1989, p. 15 a 28.

BOTTINO, Mariza. Arquivos universitários: sonho ou realidade? In: VENÂNCIO, Renato; NASCIMENTO, Adalson (org.). **Universidades e arquivos: gestão, ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

CASTELO BRANCO, Uyguciara Velôso. **A construção do mito do “Meu filho doutor”**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. São Paulo: EDUSC, 2002.

LUNA, Maria de Lourdes Lemos. **José Américo de Almeida. Paraíba**. Nomes do século. João Pessoa: A União, 2000.

MELO, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque. **Galeria paraibana**. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

PACHECO, Leila Maria Serafim. A informação enquanto artefato. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1995.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

